



## EDITORIAL

### SOBRE A REPETIÇÃO

Isabel Ermida



No momento em que o país, a UMinho e, claro, o ILCH se fecham de novo em casa, pela segunda vez em menos de doze meses, o discurso público enche-se de referências ao “cansaço” e à “desmotivação” dos portugueses. Dez meses passados sobre o eclidir da crise, quando os números atingem picos inéditos, que só os do dia seguinte ultrapassam, o sentimento geral parece ser mais de prostração que de alerta. O próprio [PM](#) admite que as pessoas têm menos medo agora do que no início da pandemia. E há quem defenda que “o medo vai ter de voltar” [\[ver\]](#).

No entanto, se olharmos para a linguagem usada no espaço público, como é o caso dos *slogans* do SNS, esse desígnio está a falhar. As fórmulas que já vêm de março esgotaram-se na repetição infinita: “Fique em casa”; “Lave as mãos”; “Seja agente da saúde pública”; “Proteja o SNS”. A máxima paternalista “Vai ficar tudo bem”, ouvida à exaustão, cedo deu origem a “Não, não vai ficar tudo bem”. Também os *media*, apesar do labor diário, ao minuto, para nos alarmar, já não “metem medo”. Dia após dia, os noticiários dizem o mesmo: “Portugal alcança novo pico histórico”; “Hospitais à beira da rutura”, etc. Os próprios números, embora sempre crescentes, logo diferentes, redundam num padrão repetitivo e despersonalizado, causando indiferença e distanciamento. Nenhum novo recorde causa susto; nenhum novo dígito cria baques ou interrompe o desalento dos dias.

Traz-nos isto ao efeito da repetição sobre certos mecanismos cognitivos. Curiosamente, apanhar um susto ou dar uma gargalhada não são tão distantes como pode parecer. Já sabíamos que há quem, com medo, se ria nervosamente, e há ainda mais quem se ria do medo, ou do que faz medo (daí o manancial de anedotas sobre guerra, doença e morte). Mas o que interessa apontar é que o medo e o riso coincidem no fator de surpresa que os desencadeia. Já Kant, Bergson e Freud falavam de como o riso advém de algo surpreendente e inesperado. Na verdade, a repetição, o *déjà-vu*, mata o humor, tal como, se virmos bem, o medo: quem se assusta pela segunda vez com um vulto que surge da escuridão de uma segunda porta?

Consideremos uma ocorrência que, este mês, disputou com a pandemia a atenção mediática nas redes: o *meme* de Bernie Sanders. A fotografia original [\[ver\]](#), tirada na tomada de posse de Biden, mostra o veterano senador democrata sentado de perna cruzada no exterior da Casa Branca, com máscara posta e ostentando umas enormes luvas coloridas, tricotadas à mão. Talvez o humor da imagem, tornada “viral”, se prenda com a incongruência entre a atitude de certa displicência e enfado de “Bernie” e a solenidade do momento, ou entre a formalidade esperada do traje numa tal cerimónia e o uso de uma peça de confeção caseira. Ou, então, talvez derive da surpresa de vermos um ancião (elemento de um “grupo de risco”), de parcos cabelos arrepiados, dando o corpo ao manifesto num dia gélido, não com medo, mas com tédio. O que é certo é que a fotografia foi usada incontáveis vezes desde então – recortada, ampliada, invertida, “filtrada” – em enquadramentos tão diversos como imaginativos e disparatados. Poderemos dizer que foi repetida? Não, antes recriada, ou reinventada, isto é, tornada *nova* e surpreendente, logo assumindo renovado potencial humorístico.

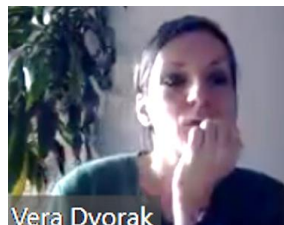
Talvez seja no humor, e não no medo, que podemos encontrar uma pequena ajuda (um breve bálsamo) para mais este confinamento, olhando o absurdo e o impensável de formas inesperadas.



## EVENTOS INTERNACIONAIS

### A SINTAXE EM ANÁLISE NUM COLÓQUIO CEHUM

O Centro de Estudos Humanísticos (Grupo de Linguística Teórica e Experimental, dirigido por Pilar Barbosa) organizou, a 29 e 30 de janeiro, o colóquio internacional “Null Objects from a Crosslinguistic and Developmental Perspective”, com enfoque na



Vera Dvorak

omissão linguística do objeto numa perspetiva comparada. Foram oradoras convidadas Vera Dvorak (Rutgers University, NJ / ServiceNow, CA, à esquerda), Marta Ruda (Jagiellonian University in Krakow, à direita), Esther Rinke



Marta Ruda

(Goethe Universität Frankfurt) e Sonia Cyrino (Universidade de Campinas), num evento que congregou, *online*, 15 conferencistas e 90 participantes de mais de 10 países da Europa, América (Argentina, Brasil e EUA) e Ásia (China e Japão).

### SEMINÁRIO CEPS SOBRE SOBERANIA SEQUENCIAL

No âmbito dos *Seminars in Ethics and Political Philosophy* 2020-21, organizado por G. Ballacci e D. Santoro, o Centro de Ética, Política e Sociedade apresentou, nos dias 25 e 26 de janeiro, um seminário *online* em torno do próximo livro de Alessandro Ferrara, filósofo italiano e professor de filosofia política na Universidade de Roma Tor Vergata, intitulado *Sequential Sovereignty: Constituent Power and Political Liberalism*. Para além do autor (na imagem), o evento contou com a participação de Ben Schupmann (Yale-NUS College), Camilla Vergara (Columbia University), Cristina Lafont (Northwestern University), David Rasmussen (Boston College), bem como de três dezenas de investigadores portugueses e estrangeiros.



## DOUTORAMENTO



João Martins

### NOVO DOUTORADO EM CULTURAS DO EXTREMO ORIENTE

João Marcelo Mesquita Martins, docente do DEA, defendeu, a 28 de janeiro, a tese “Mitos Chineses de Origem: Envolvências Filosóficas e Perspetivas Contrastivas”, tendo sido aprovado com Muito Bom por unanimidade. Parabéns!

## FINANCIAMENTO

### MISTRADO EM ESTUDOS LUSO-ALEMÃES GANHA FINANCIAMENTO DE DOIS ANOS

O Mestrado em Estudos Luso-Alemães, curso de associação entre a Goethe-Universität Frankfurt e a Universidade do Minho desde 2016, acaba de ver a sua candidatura ao projeto “Digitalisierung des Masters Deutsch-Portugiesische Studien” aprovada para financiamento com um orçamento de 98 000€ por dois anos. O projeto, liderado por Esther Rinke-Scholl, da Goethe-Universität, e Cristina Flores, do ILCH, visa digitalizar os recursos formativos do Mestrado, de modo a que, a partir de 2022-2023, o curso tenha uma forte componente digital que facilite o trabalho de cooperação binacional (na imagem, os dois elementos da Comissão Diretiva, à direita, e as duas alunas que participam no projeto).



Esther Rinke-Scholl, da Goethe-Universität, e Cristina Flores, do ILCH, visa digitalizar os recursos formativos do Mestrado, de modo a que, a partir de 2022-2023, o curso tenha uma forte componente digital que facilite o trabalho de cooperação binacional (na imagem, os dois elementos da Comissão Diretiva, à direita, e as duas alunas que participam no projeto).

## APOSENTAÇÃO

### MARIA CLARA OLIVEIRA

Era, até Setembro, a mais antiga docente do ILCH, tendo lecionado Língua Inglesa no DEINA desde 1977. Agora que se aposentou, quisemos registar, em jeito de homenagem, algumas palavras que conosco trocou [na íntegra, [aqui](#)]. Quais as recordações de quando entrou na UMinho? É com muita alegria e saudade que recordo o momento, um dia de Abril de 1977, tinha eu 23 anos, em que fui entrevistada pelo Prof. Lúcio Craveiro e pelo Prof. Hélio Alves. Comecei a 9 de Dezembro. Vontade de trabalhar não me faltava. (...) Havia coisas que me admiravam, pois pouco conhecia do Norte. Cheguei a dizer aos meus pais, numa carta que lhes escrevi, que tinha alunas que se vestiam para as aulas como se fossem para uma festa, mas que diziam cinco “F” ou “C” em cada seis palavras...!! Era o Norte. Era Braga. Cidade acolhedora, e com gente de bom coração 😊.



Que momentos, ao longo destes mais de 40 anos, guarda com maior carinho? A minha primeira turma, da qual faziam parte o atual Reitor Rui Vieira de Castro, Licínio Lima, M<sup>ª</sup> Fernanda Machado dos Santos, entre outros, ficará sempre no meu coração... Foi importante para mim a ponto de guardar ainda alguns dos seus trabalhos. (...) Os anos em que fui Orientadora Científica de Estágios foram dos mais recompensadores para o meu percurso académico e pessoal. Saber que, quando entrava numa escola em Braga e arredores, parte dos professores de Inglês tinham sido meus alunos deixava-me cheia de orgulho. Tinha ajudado a formar aquelas pessoas que um dia foram professoras dos meus próprios filhos. (...) Fui também muito bem tratada em Azurém, onde dei Inglês Académico.

E quais os mais difíceis? Os momentos mais difíceis em termos pedagógicos foram os da avaliação. Avaliar é um momento injusto e subjetivo, pois tudo recai sobre uma pessoa: muita ansiedade, o não querer falhar e ser o mais justa possível. (...) A nível pessoal, a saudade da família que ficara em Lisboa era muita.

Que mensagem gostaria de deixar aos seus alunos? Aos meus alunos que já terminaram o curso, gostaria de dizer que dar aulas foi para mim, e será por certo para aqueles que o forem fazer, a melhor coisa do mundo. Se não for o caso, trabalhem para ser bons tradutores, escritores, investigadores, revisores de texto, animadores culturais, agentes turísticos, ou tudo aquilo que se propuserem fazer. Ah! Só um reparo! Não deixem que vos digam que Línguas não têm um lugar tão importante como Literatura ou Cultura...!

Agora que começa uma nova fase da sua vida, que desejos gostaria de realizar? Nesta nova fase da minha vida, que começou a 16 de Setembro de 2020, o meu principal papel é ser avó (neste momento, de dois netos). Também quero poder fazer tudo o que eu e o meu marido fomos adiando por falta de tempo, fazer revisão de texto, voluntariado (que eu adoro) e, claro, nunca deixar Jane Austen de lado: lá vou eu de vez em quando acrescentando mais alguma coisa à minha “investigação”.

## EXTENSÃO

### DIRETORA DO CEHUM EM ENTREVISTA À RDP

No dia 14 de janeiro, Cristina Flores, Investigadora e Diretora do Centro de Estudos Humanísticos, deu uma entrevista ao programa de rádio “O Mundo numa Só Língua”, da RDP Internacional, falando do seu estudo sobre a competência bilingue de crianças luso-descendentes residentes na Suíça. [Ouvir [aqui](#).]



### INVESTIGADOR DO CEHUM EM PEÇA NO CARLOS ALBERTO



José Eduardo Silva, ator e investigador do CEHUM (GiArtes), participou, a 7 e 16 de janeiro, na peça “As Três Irmãs” de Anton Tchekhov, com conceção e direção de Carlos Pimenta, no Teatro Carlos Alberto, no Porto.

## PRÉMIO

### ALUNO DE MÚSICA GANHA PRÉMIO INTERNACIONAL



Alexandre Arutyunyan, aluno do 1º ano da Licenciatura em Música, obteve o 1º Prémio (*ex-aequo*), Categoria C, no Concurso de Corda “Cidade de Vigo” (IX edição), que decorreu de 3 a 6 de dezembro (*online*).

## À CONVERSA

### EVA GONÇALVES

Uma das mais jovens funcionárias do ILCH, colaboradora no Centro de Línguas BabeliUM, contou-nos um pouco do seu percurso:

#### Como chegou à UMinho?

Eu estava inscrita no Centro de Emprego, depois de 10 anos a trabalhar na mesma empresa. Uma amiga ligou-me a informar que estava a decorrer uma entrevista naquele mesmo dia, através do Plano Ocupacional, e eu imediatamente liguei para o Centro de Emprego e perguntei se me podia candidatar. Consegui agendar uma entrevista para a tarde desse dia, e aqui estou eu, passados quase 9 anos.

#### Como descreve o seu percurso profissional?

Bastante enriquecedor. Vinha de uma área completamente diferente, a construção civil, e trabalhar na área das línguas abriu-me novos horizontes. Não é fácil trabalhar e estudar ao mesmo tempo, mas gosto muito do que faço.

#### A vontade de voltar a estudar já existia, ou aconteceu após conhecer a oferta formativa do ILCH?

Sempre existiu; era um desejo meu poder licenciar-me em Ensino Básico. No entanto, escolhi Línguas Aplicadas, porque me parece ser o curso mais adequado para a área em que trabalho, a da tradução.

#### O facto de trabalhar e estudar na mesma Instituição poderá constituir uma vantagem?

Creio que sim. Todas as instituições têm uma cultura muito própria, e, estando a trabalhar na UM, a adaptação a esta nova realidade que é estudar no ensino superior é mais suave. A principal dificuldade está em conciliar as aulas e o tempo necessário de estudo com o trabalho. Não é fácil, mas penso que é uma viagem que vale a pena.

#### Conhecedora de tantos idiomas, qual o país que gostaria de visitar?

Gostava de visitar as ilhas britânicas de uma ponta à outra.

